arte

Foto: Marcos Santos/ USP Imagens

# Quando a arte mapeia a infinitude das paisagens

*Leila Kiyomura*

"A experiência da imagem, anterior à
da palavra, vem enraizada no corpo.
A imagem é afim à sensação visual.
O ser vivo tem, a partir do olho, as
formas do sol, do mar, do céu.
O perfil, a dimensão, a cor"
(Bosi, 1997, p. 13).

Em tons vibrantes ou silenciosos, Corina Ishikura compõe paisagens que sugerem os rastros do vento, do sol, das estrelas. Uma experiência visual que vai além do movimento das cores. Sua pintura expressa as sensações de um mundo que recomeça. As paisagens vão se acomodando aos espaços. No ateliê, localizado no bairro paulistano do Jabaquara, elas habitam há apenas três meses. Uma sala em branco que agora está sendo preenchida pelas cores de telas de diversos tamanhos. São imagens que a artista cria para todos. Não são abstratas, muito menos figurativas. A artista abre espaço para o espectador recriá-las à vontade. As formas, os temas ficam por conta da percepção visual, das sensações e histórias de cada um. Uma liberdade que propicia infinitas aparições. Tal como um caleidoscópio, sensível ao movimento das mãos, dos olhos e da vida ao redor.

Corina busca entender, aos 54 anos, a plenitude da arte. O vermelho, o amarelo, o azul, de uma grande tela que mal cabe na parede, vibram. Ao redor dela, há dezenas de quadros pequenos que sugerem detalhes de uma tela maior. Mas quando estão todos juntos, na parede ou sobre uma mesa, é possível observar que cada um deles tem uma paisagem autônoma. E ao sair do ateliê para serem expostas pela cidade, as cores se ambientam e se integram ao espaço.

Um exemplo é o mural que a artista expôs na fachada da Galeria 22, na Avenida Juscelino Kubitschek, convidando o público para a mostra "Caleidoscópio", inaugurada em outubro de 2018. A exposição apresentou 40 obras até o final de novembro. Mas a direção da galeria decidiu deixar a tela interagindo com a cidade na travessia do ano e no decorrer do verão. Chama a atenção pelas cores e luz que emana. Difícil deixar de observar. No meio do trânsito, antes de entrar no Túnel Tribunal de Justiça, o quadro figura. Fica ali compondo paisagens no movimento de quem passa de carro ou caminhando. Uma presença que flui espontânea. É a cidade que necessita das cores, da estética e dos sonhos da arte.

Na aparente tranquilidade do pincel resvalando a tela, Corina desenha um caminho que imaginou trilhar há muito tempo. Começou a pintar ainda menina. Mas optou por se dedicar à família e acompanhar, junto do marido Edson, a infância e adolescência

**LEILA KIYOMURA** é jornalista e crítica de arte.

Marcos Santos/USP Imagens

A artista em seu ateliê

dos filhos, Vitor e Beatriz. Trabalhou até 2009 na área administrativa, mas todos os papéis em branco que passavam pela sua mesa eram tingidos por uma cor, ganhavam um desenho. Imagens que foram sendo pintadas mentalmente em silêncio.

Há uma década, quando se aposentou, Corina se deu o direito de dar vez à artista. Começou a estudar, pesquisar formas e técnicas, buscou o pensamento em forma de arte. As paisagens começaram a emergir como se estivessem mapeando territórios. Suas telas revelam a inquietação de um longo processo de busca e a história dos caminhos que foi resgatando do horizonte, entre as aulas de desenho e escultura do mestre e artista Elias Muradi.

No início, a artista pintou espaços inacessíveis de um tempo a ser descoberto. São lugares inabitados que fogem à apreensão, como reflete o filósofo alemão Walter Benjamin ao analisar, no Movimento Surrealista, a expressão dos sonhos, dos sentidos e da percepção na arte. No entanto, reconhece a importância da imagem do passado como um valor estético real que pode dialogar com o presente do espectador. Ponderou: "A verdadeira imagem do passado perpassa, veloz. O passado só se deixa fixar, como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido" (Benjamin, 1987, pp. 222-32).

Os fragmentos da memória da artista se tornam visíveis na superposição de camadas de cores. As tintas que resvalam a tela, embora aparentemente fluidas, resultam da inquietação de um longo processo de busca. Corina Ishikura conta que entrou no mundo das artes visuais com um olhar já maduro. "Na minha arte está todo o repertório de

vivências desde a infância", assinala. "São lembranças que vêm pulsando desde 2010, momento em que decidi seguir os passos de meu pai, Ulisses da Conceição, escultor em madeira. Lembro também de minha avó materna, Taki Miyamoto, que me surpreendia com os seus desenhos de mangás."

Em 2015 e 2016, Corina buscou a materialidade da superfície pictórica, trabalhando com pigmentos de cera de abelha. "Meu processo de criação parte da observação e contemplação de lugares, seres, formas, texturas, movimentos, cores, tudo que nos cerca", explica Corina. "Entendo que a percepção vai além dos cinco sentidos, envolve o interno e o externo. Do que fica salvo nesse espaço de escolhas tento colocar no papel ao meu modo, e essa materialização pode ocorrer ou não; pode seguir seu caminho, ganhar força e se deixar ver através da encáustica fria, que por sua vez também pode oferecer mais desdobramentos em infinitas possibilidades."

Infinitas possibilidades que foram questionadas quando Corina, em 2017, se deparou com a natureza e a arte do Japão. "Tive a oportunidade de fazer residência cultural programada pela Fundação Mokiti Okada. Quando visitei as cidades de Hakone, Atami e Quioto, com seus templos e suas paisagens, percebi lá algo que não sei exatamente o que é, mas que eu gostaria de poder transmitir através da arte."

O conflito entre a luz do Brasil e a sombra do Japão começava a ser evidenciado. Característica singular nas obras de alguns nipo-brasileiros como Manabu Mabe, Tomie Ohtake, Tikashi Fukushima, Kazuo Wakabayashi, da década de 1950. Artistas que tiveram de se integrar ao Brasil tendo nas mãos a estética de uma cultura que atraves-

Marcos Santos/USP Imagens

Marcos Santos/USP Imagens

Marcos Santos/USP Imagens

sou o oceano. O pensamento de Corina, em suas telas, mesmo sendo bem mais jovem, tem a referência desses precursores nipo-brasileiros no encontro de uma arte própria ou uma arte entreculturas. Não é japonesa, nem brasileira. No caso da artista, há ainda, do lado paterno, a descendência de portugueses, espanhóis, indígenas, negros... Culturas que ficam no limiar do entre-espaço que a filosofia milenar japonesa define como *Ma* ou, como observa a pesquisadora de cultura asiática Michiko Okano (2012), "o espaço intervalar habitado pelo silêncio, importante, no Japão, para o processo de criação nas artes visuais, música, dança, teatro, artes marciais, arquitetura".

O *Ma* está relacionado ao *Kû* do budismo, que significa vazio. É a teoria central da escola filosófica do Caminho do Meio, em sânscrito, *Madhyamiya*, fundada pelo monge indiano Nagarjuna (séculos 2 e 3). Segundo

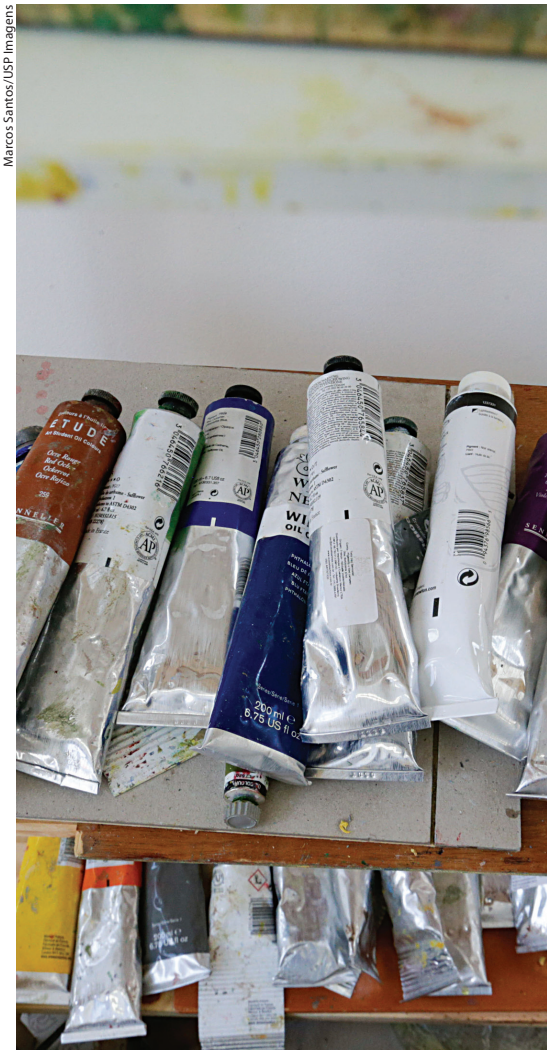
Marcos Santos/USP Imagens

ele, o mundo é formado por *Kû* e *Shiki*, vazio e forma. Ou seja, "para que a forma se torne existência, deve haver também a não forma, e isso se aplica à impermanência das coisas", explica Okano (2012, pp. 18-25).

A pintura de Corina mapeia essa sensação do vazio. "Quando ouvi o conceito de *Ma* pela primeira vez, fiquei muito sensibilizada. Percebi que o *Ma* é a conexão da essência do artista com o mundo real." Diferentemente do pensamento ocidental, o vazio não é um estado de depressão. É um estado de alma que abre janelas para o processo criativo. A composição do ideograma dessa palavra sugere duas portinholas e uma janela que leva à visão do sol. Uma travessia do olhar, do espírito, da razão, da cultura que se apresenta como uma janela aberta.

Ao buscar, na lógica ocidental, um conceito similar ao pensamento *Ma*, os filósofos japoneses mais conceituados do século XX, Kitaro Nishida e Tetsuro Watsuji, apontaram nos seus estudos sobre a fenomenologia, formulada no século XIX por Edmund Husserl – e depois nas pesquisas de Maurice Merleau-Ponty sobre a percepção e nas reflexões sobre *Ser e tempo*, obra capital de Martin Heidegger –, uma identificação com a noção de tempo e lugar do milenar fenomenismo japonês (Kiyomura, 2012, p. 22).

Quando Corina mapeia os territórios das paisagens que surgem entre as camadas de tinta, é possível observar, como bem define Merleau-Ponty (2013, pp. 20 e 42-3), a teoria mágica da visão. "O pintor precisa admitir que o espírito sai pelos olhos para passear pelas coisas, uma vez que não cessa de ajustar sobre elas a sua vidência. A visão é espelho ou concentração do universo", explica o filósofo francês.



Marcos Santos/USP Imagens

No decorrer de 2018, a pintura de Corina percorreu novos caminhos. As tramas da encáustica e a vibração das cores fortes passaram a se diluir em espaços em branco. Elas existem nas telas, mas foram cobertas por camadas de tinta. Aparecem como sugestão de paisagens para serem descobertas. Ressurgem como se fossem recifes de coral entre as ondas do mar.

Nas últimas telas, a artista buscou a orientação do mestre e pintor Kazuo Wakabayashi. Travando o desafio do gesto na pintura, Corina tenta desenhar a síntese da cor e da forma. Busca captar, na pintura, o instante. Tal como o breve som de uma rã saltando na lagoa, como sugere o haicai milenar de Matsuo Bashô, na tradução de Cecília Meireles:

"Velho tanque.
Uma rã mergulha.
Barulho da água".

Um invisível que o espectador atento irá perceber.

## BIBLIOGRAFIA

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Brasiliense, 1987.

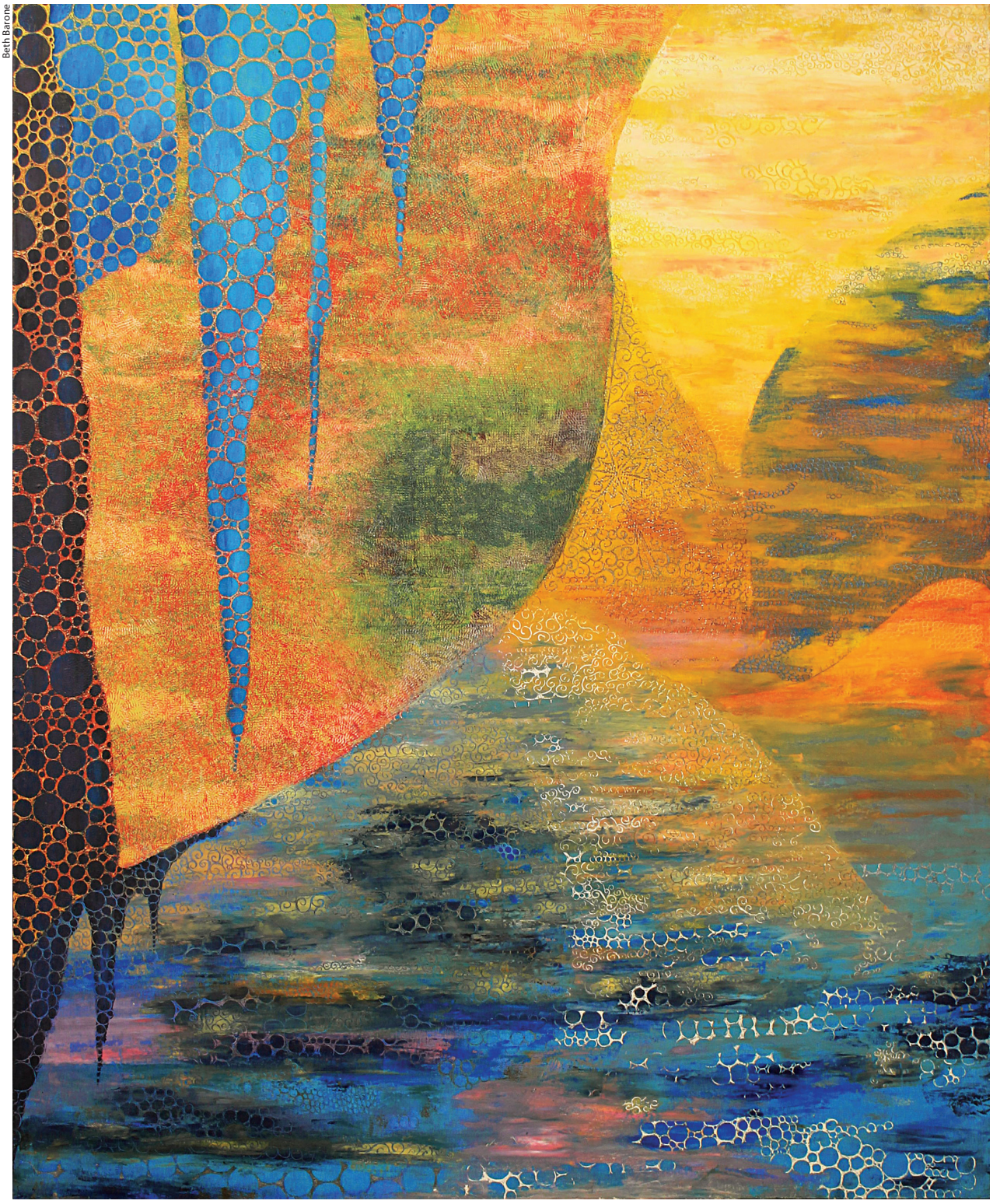
BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo, Cultrix/Edusp, 1997.

KIYOMURA, Leila. *Tikashi Fukushima: um sonho em quatro estações*. Dissertação de mestrado. São Paulo, USP, 2012. Disponível em: www.teses.usp.br/teses.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O olho e o espírito*. São Paulo, Cosac & Naify, 2013.

OKANO, Michiko. *Ma: entre-espaço da arte e comunicação no Japão*. São Paulo, Annablume, 2012.

Beth Barone

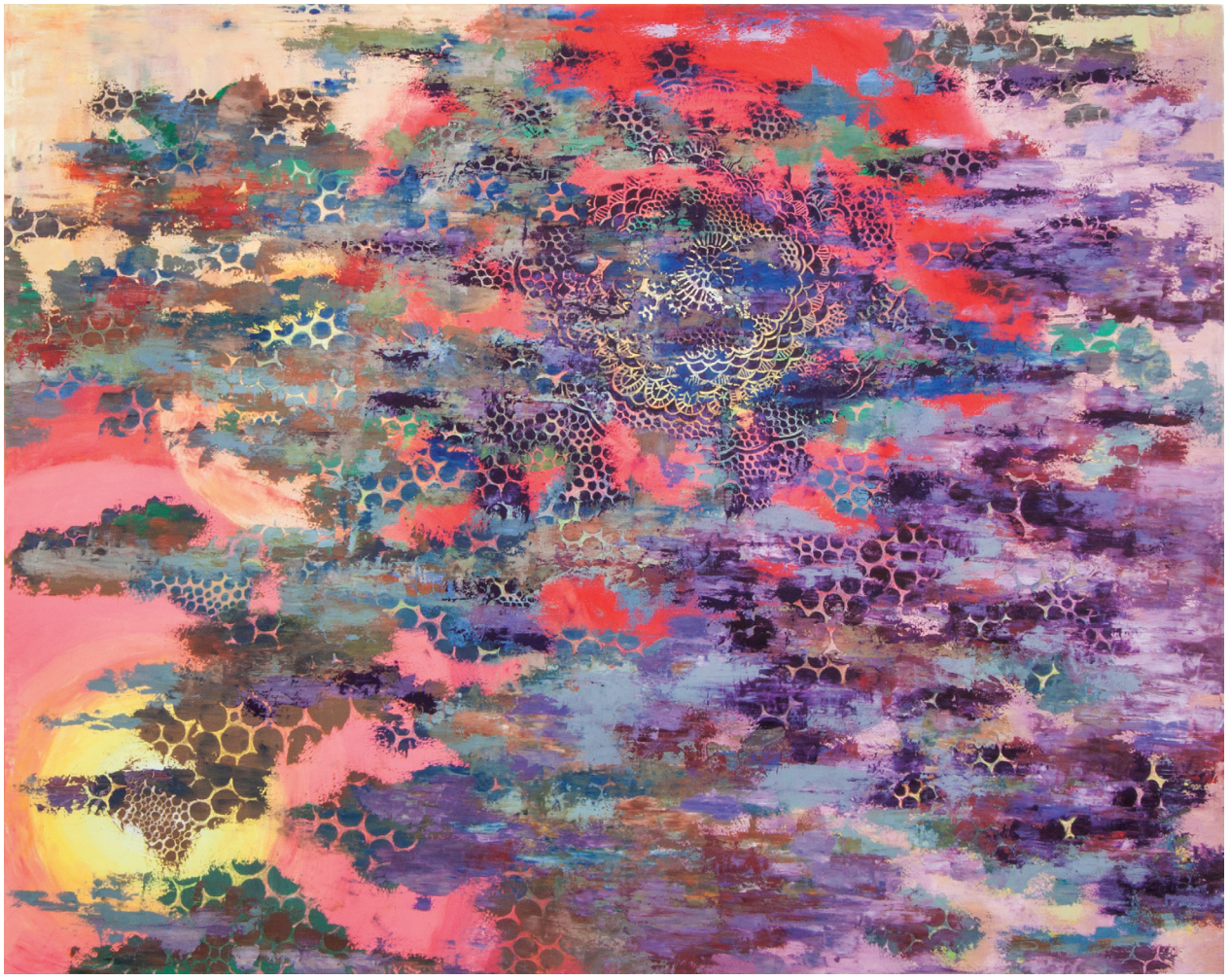


*Água*, 2014, 100 x 80 cm

Beth Barone

*Fogo*, 2015, 100 x 80 cm

Beth Barone



*Sem título*, 2016, 100 x 80 cm

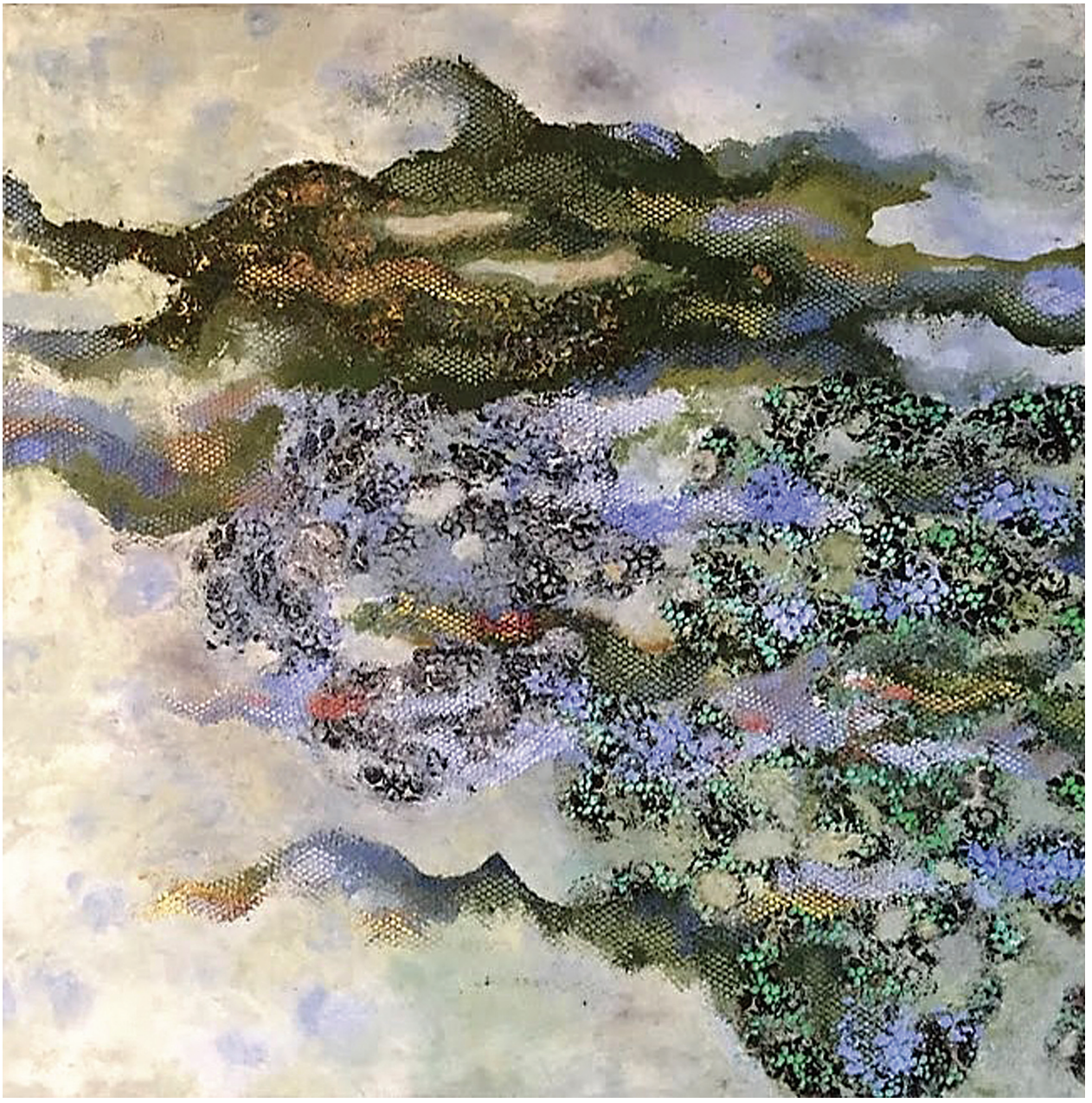
Beth Barone

*Sem título*, 2017

Beth Barone

*Sem título*, 2017, 100 x 80 cm

Beth Barone



*Sem título*, 2017-2018

Beth Barone

*Sem título*, 2018, 100 x 130 cm

Beth Barone

*Sem título*, 2018

Beth Barone

*Sem título*, 2018